

Vermelho

Vasco Pires Sousa

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Vasco Frederico Pires de Sousa

TÍTULO: Vermelho

AUTOR: Vasco Pires Sousa

CONTACTO: vascohey@gmail.com

CAPA: Irina Raimundo

PAGINAÇÃO: Nuno Ferreira

1.ª EDIÇÃO

LISBOA, 2010

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

ISBN: 978-989-20-2188-1

DEPÓSITO LEGAL: 318624/10

© Vasco Pires Sousa

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, Porta C – 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

Esta obra é fruto da realidade,
da realidade aumentada e da imaginação que parte,
muitas vezes, de pessoas e situações reais.

Há coisas que resistem à morte.
Ao amor dos meus pais, Aurélio e Cidália.

I

Quando nascemos, o mundo é infinito e da nossa própria vida ainda não temos consciência. À medida que o tempo passa, o mundo começa a encolher, como começam a encolher as estações do ano, como começam a encolher as folhas no Outono, como começam a encolher as estradas e as terras que conhecemos. Aos poucos, o mundo inteiro é uma terra que ainda não conhecemos, mas podemos conhecê-lo, inteirinho. Mais ou menos por essa altura, a nossa vida é infinita, porque o nosso corpo é capaz, é ágil e imune.

Depois percebemos que o mundo, embora não seja infinito, é demasiado grande para o conhecermos assim, inteirinho, porque a nossa vida não é infinita, nem tão grande como o mundo. Um dia, percebemos que o nosso destino não pode fugir à morte.

Nesse dia, despedi-me do cão com mais afecto que da minha mãe, arranquei a mala que se prendia ao chão com o peso das memórias da casa e saí.

O tamanho das ruas era infinitamente mais pequeno que nos outros dias anteriores, que nas semanas anteriores, que nos anos anteriores, quando as subia e descia diariamente.

Dona Aranha dobrava-se sobre o seu próprio corpo com o peso da despedida como se carregasse toda a nossa história às

costas. Dona Aranha era o medo, era a sensação de incapacidade sobre o futuro do filho.

Nesse dia, desci a rua que descia diariamente quando saía de casa. Parei no café como fazia há alguns anos, pedi café, olhei para o jornal, e a única coisa que diferenciava este de outro dia qualquer, era o peso da minha mala sobre a cadeira ao lado. Enquanto a carregava pela rua e me despedia dos velhos sentados nos bancos de passeio, "Boa tarde", "Adeus menino" sem que eles tomassem conta da despedida, o seu peso físico não exigia de mim a força que tive que fazer para a carregar. Lá dentro trazia alguma música, livros, pouca roupa, a harmónica do meu avô, as saudades que sentia de uma família inteira e as saudades que ainda não sentia dos restos dessa família.

Dona Aranha nem abriu a porta para me espreitar uma última vez. Regressou à profundidade da sua mais amarga tristeza como se não tivesse outro filho. Como se apenas tivesse a minha ausência e a morte do marido.

Dona Aranha teria o rosto húmido de lágrimas. Cada despedida cavava na sua pele novos sulcos que, para os outros, seriam apenas rugas da idade. Dona Aranha faria a minha cama pela última vez, pensando que o regresso estaria para breve e que as despedidas têm sempre a inevitabilidade do reencontro que, no nosso caso, só poderia durar umas quantas luas. No entanto, desta vez, eu sentia o apelo da cidade.

O meu irmão herdara do meu pai a arte e as mãos. Mãos ásperas, fortes, como moldadas em ferro oxidado. Tinha também a paciência e a ausência crónica de atenção que não lhe permitia descobrir que a boca da nossa mãe era um gigante estuário onde desaguavam todas as suas amarguras.

Entrou em casa com uma velha bata azul, também herdada da figura paterna, enquanto esfregava as mãos com diluente celuloso para tirar os restos de tinta de esmalte vermelha que lhe salpicavam os dedos. Estranhou a mesa vazia sem o seu lanche preparado, agarrou o pão com as mãos e dividiu-o como se o desmembrasse. Cortou algumas lascas do presunto que era o seu único capricho, untou o resto com azeite e voltou a tapá-lo com o pano rendado, feito pela nossa mãe, que bordou num dos cantos "Manuel", como que assegurando que aquilo que o tecido tapava era propriedade privada.

Manuel palitava os dentes depois de todas as refeições, mesmo que a necessidade não o obrigasse a isso. Palitar os dentes era, para ele, apenas mais um gesto iconográfico que o assemelhava ao metalúrgico que o fez nascer. Depois, permanecia com o palito na boca até os finos vértices de madeira se desfazerem em pequenas lascas que se uniam ao resto do palito como as pétalas se unem no cálice das flores.

Foi direito à sala, beijou a nossa mãe, desviando o olhar das lágrimas que ainda lhe molhavam as pestanas. Não perguntou nada. Não disse nada. Mergulhou no seu estado catatónico que lhe dava uma opacidade profunda ao olhar. Parecia sempre lembrar-se do pai, do meu pai, do pai dele e do nosso pai – que, embora fisicamente tivessem encarnado o mesmo corpo, encerravam personalidades muito diferentes. De vez em quando, olhava para a nossa mãe e fingia um gesto mudo de carinho, afagava-lhe a cara à distância sem mexer um único músculo, o que para ela, continuava a ser o nada.

Manuel nasceu alguns minutos depois de mim. Do mesmo útero. Partilhámos nove meses de gestação numa proximidade que nunca voltaríamos a ter, embora nos sentíssemos sempre umbilicalmente unidos. Por nascer depois, foi o primeiro a rece-

ber o carinho e o peito da minha mãe exausta. Enquanto ela o agarrava nos braços e lhe limpava o rosto, eu aconchegava-me nos braços estranhos da parteira que, embora analfabeta, continuava a ser preferida aos talentosos médicos e enfermeiras do hospital. Talvez por isso, por se sentir sempre nos seus braços e sentir ainda o sabor do seu peito, Manuel pouco comunicava verbalmente com a nossa mãe. Ele intuía, ao longo dos anos, que entre eles havia uma comunicação telepática que era superior ao verbo. A minha mãe concluiu, ao longo dos anos, que a verbalização dos pensamentos o intimidava, e conformou-se com essa barreira que os foi separando, como Manuel se foi separando dos seus seios e, mais tarde, do seu colo.

"O teu irmão partiu!", Manuel fez apenas um ruído quase imperceptível e continuou a comer a sua sandes de presunto. "Há cerveja no frigorífico?" e levantou-se.

Dona Aranha sentia a tristeza de quem vive com os seus erros, sendo os seus erros os seus dois filhos. A orfandade precoce não justificava a existência de duas criaturas tão inumanas, ainda que a sensibilidade lhes transpirasse os corpos. Não tinham ligação a ninguém, a nada, continuavam ausentes como se vivessem ainda no tempo em que formávamos uma família inteira, quando íamos jantar a restaurantes e passar uns dias à praia. De facto, Dona Aranha sabia que um quadrado é diferente de um triângulo. Nada se compara à estabilidade de um quadrado. Quanto aos triângulos, bem... há-os de vários tipos e formas. Há alguns que são estáveis – quando a aresta em que assentam é a maior – e há triângulos como o nosso, do mais escaleno possível e assente na aresta que se tornava cada vez mais fraca. Os outros dois vértices puxavam em direcções diferentes, o que não

implicava que a área do triângulo aumentasse. Neste caso, era precisamente o contrário. O triângulo que era a nossa família, ia-se transformando num segmento de recta com três pontos, dos quais Dona Aranha permanecia imóvel, e nós dois afastávamo-nos dela e um do outro.

Por isso, Dona Aranha continuou sentada no sofá, no canto mais escuro da sala. Ouvia a porta do frigorífico abrir e fechar, ouvia o gás da cerveja a respirar de alívio, ouvia os goles sôfregos que beberam a cerveja de um só trago, ouvia o pousar da garrafa sobre a mesa da cozinha, ouvia a porta a fechar-se e fechou-se no sono que lhe aliviava a alma.

As sextas diárias de Dona Aranha não lhe atenuavam o cansaço. Eram apenas uma forma de passar pelo tempo sem que o tempo a consumisse a cada segundo. Nos sonhos, podia ser qualquer outra mulher, viver num outro tempo. No entanto, na maioria das vezes, permanecia a mesma mulher, apenas mudavam as circunstâncias, e isso era tudo. Por vezes sonhava com a nossa praia e os seus três homens em brincadeiras de miúdos mas, normalmente, sonhava para antes de nós, para o tempo dele e dela jovens, sentia-lhe a barba que teimava irromper da cara sempre com maior intensidade, sentia-lhe as mãos ásperas, sentia-lhe o cheiro do ferro, sentia-lhe os braços a envolverem o seu corpo frágil e o seu sussurro "Amo-te". E mesmo que ninguém lhe contasse, Dona Aranha sabia que sorria a dormir e que a realidade dos sonhos passara a ser, lentamente, a sua verdadeira vida.

No tempo que passava acordada, assegurava apenas a gestão da casa: as limpezas, as refeições, o recheio do frigorífico e pouco mais... Chamava-lhe o "tempo morto".